

ATAQUES NAS ESCOLAS: TE ASSUSTA? QUAL O TRABALHO DE PREVENÇÃO E CUIDADO A ESCOLA REALIZA

Luiz Henrique Librelon Dornelas¹
Alcione Januária Teixeira da Silveira²

cionepsi@hotmail.com

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ciências Sociais e Aplicadas

RESUMO

Uma lista de fatores que predis põem alguns adolescentes à violência escolar, especialmente aqueles com controles internos e externos enfraquecidos, o principal fator de risco, está associado à identificação de comportamentos agressivos precoces, especificamente o temperamento violento de uma criança, o qual, sem dúvida, se agravará durante os anos da adolescência se esses comportamentos agressivos não forem abordados desde cedo. O segundo fator de risco, que essencialmente expande sobre o primeiro, diz respeito a características familiares, especialmente práticas parentais inadequadas, inconsistentes ou severas, negligência parental ou abandono. Desse modo, o objetivo do trabalho foi analisar a perspectiva de uma escola no trabalho de prevenção contra-ataques e violências. Foi uma pesquisa qualitativa que utilizou a observação e entrevistas para a coleta de dados. Os resultados mostraram que a escola trabalha com intervenções pontuais e em equipe para acompanhar os alunos e a segurança da escola. A psicóloga descreveu como medida de segurança, relatando que fazem revista na mochila de um aluno com histórico de violência, além de acompanhar o jovem para ajudá-lo na compreensão do ambiente escolar. Evidencia-se a necessidade de políticas públicas no trabalho com a segurança pública e escolar no Brasil. Com base nas observações, enfatizamos o grande empenho da escola para manter a segurança das crianças e adolescentes na escola e em seus arredores. Vale destacar também a importância do trabalho em equipe realizado tanto pelo corpo docente quanto pela psicóloga escolar e pela polícia militar, que juntos fazem o trabalho de promoção, prevenção e segurança escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia; ataques nas escolas; prevenção; cuidado.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Atlas da Violência realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2019), temos estatísticas assustadoras de crimes contra a vida no Brasil, foram contabilizados mais de 65 mil homicídios em 2017. Foi exatamente nesse mesmo ano, quando os homicídios atingiram seu ápice de

¹Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Univértix.

²Psicóloga, Doutoranda em Educação, Mestre em Educação e Professora do Curso de Psicologia no Centro Universitário Univértix.

brutalidade no país, e ocorreu o primeiro caso de homicídio por tiros dentro de uma escola após anos sem esse tipo de ocorrido. Esse evento gerou comoção pública e impulsionou mudanças no sistema de segurança das escolas públicas, além de promover iniciativas para combater o *bullying*, um comportamento cruel no qual os mais fortes exploram os mais frágeis para seu bel prazer (Fante, 2011).

Historicamente, podemos lembrar que em 20 de abril de 1999, Eric Harris e Dylan Klebold, munidos de um arsenal de armas, adentraram confiantemente na Columbine High School em Littleton, Colorado, com o propósito de ceifar a vida de dezenas de estudantes e professores. Como consequência do tiroteio em massa, doze estudantes e um professor foram fatalmente feridos, enquanto dezenas de outros ficaram gravemente lesionados, convertendo o incidente de Columbine em um dos massacres escolares mais letais na história. Apesar do aumento significativo da violência juvenil na última década, a ocorrência de violência dentro do ambiente escolar é consideravelmente inferior em relação a outros atos de violência juvenil cometidos primariamente dentro da comunidade. Contudo, o temor generalizado que se sucedeu ao incidente de Columbine permeou por todos os cantos, enquanto estudantes, pais, professores, autoridades escolares, agentes da lei e membros da comunidade buscavam respostas sobre como tal evento pôde ocorrer e quais medidas, casos existentes, poderiam ser adotadas para impedir sua repetição no futuro (Meadows, 2007).

Contudo o Brasil não se fez muito diferente, por exemplo, em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, sofreu um ataque que viria a ser chamado de “Massacre de Realengo”, cometido por um ex-aluno que estava na escola com um pretexto de dar uma palestra, entretanto o mesmo entrou na instituição munido de dois revólveres, e iniciou um ataque contra os alunos em uma sala de aula, não se sabe a duração do ataque exatamente, porém, sabe-se o mesmo durou um bom tempo, tempo esse onde doze pessoas vieram a óbito, culminando no fim do massacre com o suicídio do autor quando fora confrontado pelas autoridades (Lopes, 2012).

Em 2023 no Brasil ocorreram dois casos que deixou a população em um estado de alerta, em uma semana dois ataques haviam ocorrido, um na Escola Estadual Thomazia Montoro, em 27 de março, que acabou condenando a vida de uma professora e deixara três alunos feridos, e o segundo ocorreu em uma creche,

em Blumenau-SC, um homem de 25 anos matou quatro crianças entre 5 e 7 anos de forma brutal com uma machadinha, deixando assim todos consternados pelo país (Forni, 2023).

Em 16 de abril deste ano um infeliz e trágico caso de *bullying* ocorreu causando a morte de um garoto de 13 anos no estado de São Paulo, o adolescente foi vítima de *bullying* realizado por outros alunos que o espancaram, causando uma série de lesões em sua coluna que se agravou e o levou à óbito poucos dias depois, (G1, 2024).

Desse modo, o objetivo do trabalho foi analisar a perspectiva de uma escola no trabalho de prevenção contra-ataques e violências.

Trabalhos como este, são relevantes, pois evidencia as estratégias utilizadas pelas escolas no cuidado e prevenção das violências, além de possibilitar criação de políticas públicas de educação na promoção da cultura de paz.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O papel social da escola consiste em fomentar o desenvolvimento das habilidades físicas, cognitivas e emocionais do indivíduo, preparando-o para se tornar um cidadão ativo na sociedade em que está inserido. A missão primordial da escola no Brasil é assegurar a aquisição de conhecimentos, competências e valores essenciais para a socialização do indivíduo, sendo imprescindível que a instituição educativa ofereça o domínio dos conteúdos culturais fundamentais, como leitura, escrita, ciências, artes e humanidades. Sem essas aprendizagens, é difícil para o aluno exercer plenamente seus direitos de cidadania (Smokowski, 2005).

No contexto da educação infantil e do ensino fundamental, o ensino de disciplinas como música e matemática assume um papel primordial na construção do conhecimento e na formação do pensamento crítico das crianças. Através do ensino da música, por exemplo, é possível estimular a expressão criativa, a sensibilidade artística e o trabalho em equipe. Já o ensino da matemática contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da capacidade de resolver problemas e da compreensão das estruturas numéricas e geométricas. Quanto ao ensino de línguas estrangeiras, este se torna essencial diante da crescente globalização. Porém, é necessário também considerar as críticas e reflexões propostas por diversos pensadores, como White, que questionam o modelo educacional vigente,

na qual a educação não deveria se restringir a um modelo estático de ensino imposto de forma unilateral, mas sim ser concebida como um processo dinâmico e participativo, no qual o currículo seja construído de forma coletiva e democrática pela sociedade como um todo. Essa perspectiva instiga um debate profundo sobre os propósitos das escolas em uma sociedade capitalista e em uma busca eterna de superprodução, levando em consideração não apenas a transmissão de conhecimentos, mas também a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na transformação social (White, 2007).

Destacamos aqui o fenômeno conhecido como *bullying*, de acordo com Salmivalli *et al.*, (1996), o *bullying* manifesta-se em ambientes interacionais dinâmicos, envolvendo crianças de variadas formas, resultando na adoção de distintos papéis diante dessa situação. Nesse contexto, diversos papéis de participação no ambiente escolar são identificados, incluindo vítimas, agressores, vítimas-agressoras e espectadores. Cada um desses papéis pode ser subdividido em perfis, caracterizados por suas particularidades.

O *bullying* é uma forma distinta de agressão, pois ele possuiu intenção e persistência daquele que o provoca, além de também possuir alguns aspectos marcantes quando se trata de caracterizá-lo, como não há a necessidade de o ato ser provocado e a clara desvantagem entre agressor e vítima (Salmivalli, 1996; Pereira, 2002; Raimundo; Seixas, 2009).

Meadows (2007) elaborou uma lista de fatores que predispõem alguns adolescentes à violência escolar, especialmente aqueles com controles internos e externos enfraquecidos, o principal fator de risco segundo o autor, está associado à identificação de comportamentos agressivos precoces, especificamente o temperamento violento de uma criança, o qual, sem dúvida, se agravará durante os anos da adolescência se esses comportamentos agressivos não forem abordados desde cedo. O segundo fator de risco, que essencialmente expande sobre o primeiro, diz respeito a características familiares, especialmente práticas parentais inadequadas, inconsistentes ou severas, negligência parental ou abandono (Berry-Fletcher & Fletcher, 2003; Meadows, 2007).

Conforme Berry-Fletcher e Fletcher (2003), a qualidade do ambiente de criação de uma criança exerce uma influência significativa na determinação do resultado do desenvolvimento de vários transtornos psiquiátricos, incluindo TDAH e

transtorno desafiador de oposição. Um baixo QI frequentemente está associado a deficiências em compreensão social, habilidades de resolução de problemas, impulsividade e agressão, características comuns entre muitos criminosos, mas não necessariamente a fonte raiz da criminalidade. Portanto, pesquisas que relacionam delinquência e crime ao QI de uma pessoa têm sido amplamente inconclusivas e, portanto, não amplamente apoiada por muitos teóricos contemporâneos.

A educação desempenha um papel fundamental na prevenção da violência contra crianças e adolescentes, este papel não se restringe ao ambiente escolar, mas também abrange o contexto familiar e comunitário, promovendo uma conscientização ampla que pode efetivamente reduzir as ocorrências de violência, no contexto escolar, a educação pode focar em várias estratégias de prevenção à violência (Charlot, 2002).

A implementação de programas de conscientização, por exemplo, pode ser eficaz para ensinar aos alunos sobre a natureza e as consequências da violência. Através de atividades, debates e oficinas, os estudantes podem aprender sobre os diferentes tipos de violência e abuso, as formas de identificá-los e como buscar ajuda. Além disso, é essencial incluir programas de desenvolvimento de habilidades socioemocionais que ensinem empatia, respeito e resolução pacífica de conflitos, promovendo uma cultura de respeito e dignidade, embora a discussão sobre essa questão seja considerada recente no Brasil, tendo começado aproximadamente no final da década de 1980, países como França, Inglaterra, Noruega e Estados Unidos já realizavam estudos sobre o tema desde os anos 1970 (Olweus, 1998; Debarbieux, 2001; Sposito, 2002; D'aurea-Tadeli; Paula, 2009; Brito, 2014).

3 METODOLOGIA

O presente artigo foi uma pesquisa qualitativa que utilizou a observação e entrevistas para coleta de dados. O paradigma qualitativo surge da crítica aos métodos das ciências naturais quando aplicados às ciências humanas e se relaciona, como menciona Rey (1999), "aos processos implicados na construção do conhecimento, à forma pela qual se produz o conhecimento" (p. 30). A observação, por sua vez, é considerada a abordagem mais adequada para compreender a realidade, pois envolve o mínimo de intervenção do pesquisador no ambiente de estudo (Gil, 2008).

A utilização de entrevistas como método científico de coleta de dados deve ser fruto de um planejamento metodológico sólido e consciente. Isto acontece porque a escolha de uma técnica de instrumentação específica é influenciada pelo paradigma científico em que o estudo é conduzido. Este paradigma fornece ao pesquisador orientações e definições precisas sobre os tipos de questões que podem ser estudadas, os métodos apropriados de investigação, o tipo de raciocínio que deve ser empregado, a posição do pesquisador e, finalmente, o tipo de conhecimento que pode ser estudado (Kuhn, 1992; Denzin; Lincoln, 2006).

Este estudo faz parte do cumprimento do estágio supervisionado básico do curso de Psicologia do Centro Universitário Univértix. A observação foi realizada, semanalmente, entre os meses de fevereiro e maio de 2024, na área escolar, totalizando 40h, oportunizando observação do funcionamento, atividades, público e demanda dos serviços ofertados, bem como as relações entre as pessoas que ali trabalham e circulam diariamente.

A observação foi realizada em uma escola municipal no interior de Minas Gerais, que atende o ensino infantil até o fundamental dois, o local é bastante espaçoso e conta com diversas salas e dois pátios externos que servem de local para o intervalo e também para a realização de atividades da escola, possui também uma cantina, sala dos professores, biblioteca, banheiros para as crianças e professores, além de uma quadra poliesportiva externa à área escolar, o pátio é pintado com diversas brincadeiras infantis, gerando um ambiente confortável para os alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A escola observada fica localizada em uma área vulnerável da cidade, em seu entorno, há um elevado nível de criminalidade, com episódios de violências na região, segundo as professoras. Na escola em questão, tem uma média de 40 servidores, uma média de 68 alunos no turno matutino e 90 alunos no turno vespertino, a escola atua com o Ensino Infantil até o Ensino Fundamental II.

Ribeiro e Koslinski (2009a) em seus estudos sobre interpretar o efeito de território, destacam aspectos da demanda educacional considerando a prioridade de aspectos culturais desenvolvidos no interior dos grupos pobres, chegando à hipótese da desorganização social e das carências culturais que se seguem à segregação

dessa população. Os autores destacam que essas áreas sofrem com a consolidação de comportamentos antissociais, o enfraquecimento das redes sociais e a fragilidade dos mecanismos comunitários que podem fortalecer comportamentos de eficácia coletiva em favor da escola. Ainda, enfatizam o lado da demanda educacional, nessa questão, a ênfase recai sobre o isolamento produzido pela segregação das populações pobres, que as afastaria dos padrões sociais que vigoram nas camadas médias e superiores, das redes de relações sociais que permitem maior trânsito social e de bens e serviços disponíveis no espaço urbano, e que favoreceria, em casos extremos de vulnerabilidade, a desorganização da vida social, de uma cultura do individualismo, da marginalidade e de atitudes antiescolares. E, em um terceiro modo de interpretar o efeito de território, os autores destacam a oferta educacional e de serviços à população em territórios de alta vulnerabilidade social, traçando a hipótese de que os indivíduos são influenciados pela qualidade dos serviços que lhes são oferecidos e, portanto, a qualidade da oferta escolar pode ter impactos sobre o desempenho escolar dos estudantes.

Para compreensão desse espaço, questionamos a psicóloga da escola, sobre a conduta em relação a episódios de invasão/violência escolar e ela pontuou que todo corpo docente e funcionários da escola são orientados e fazem uso de medidas de segurança para evitar possíveis incidentes, tais como, a revista de mochilas em alunos com histórico de violência ou tentativa, a não confrontarem alunos que possuem algum diagnóstico de transtorno que possam se tornar agressivos em algum surto ou por falta de alguma medicação. Caso ocorra algum episódio, a psicóloga é instruída a acionar a Polícia Militar, em casos mais leves, o aluno acompanha a psicóloga que realiza técnicas de relaxamento, brincadeiras e técnicas para realizar os acolhimentos, a fim de minimizar e neutralizar a condição do jovem no momento.

A fim de prevenir episódios de violência nas escolas, é crucial diferenciar condutas agressivas daquelas consideradas normais durante o desenvolvimento da capacidade de lidar com conflitos e resolvê-los por meio do diálogo e da negociação. Estudos sobre o comportamento de crianças e adolescentes são ferramentas valiosas para reconhecer propensões à violência em várias fases da vida, possibilitando um acompanhamento mais minucioso das crianças que manifestam comportamentos agressivos inadequados para suas idades (Farrington, 2002).

Destacamos a importância de estabelecer um ambiente acolhedor nas escolas, estimulando abordagens educativas que priorizem o diálogo, a resolução pacífica de conflitos e o respeito pelas diversidades. Adicionalmente, é indispensável investir na capacitação dos professores para que saibam lidar de forma eficiente com situações de conflito, reconhecendo seus próprios desafios e mantendo relações equilibradas com os alunos. Além disso, é crucial enfrentar a exclusão social e as disparidades presentes nas instituições de ensino, promovendo uma educação inclusiva que celebre a dignidade e os direitos de todos os estudantes (Charlot, 2002).

Em relação à questão da segurança, segundo a psicóloga, contam com a colaboração da Polícia Militar da cidade que faz rondas diárias a fim de garantir a segurança do local. Relatou que a escola trabalha com projetos e palestras de promoção e prevenção das violências. Observamos que a instituição possui câmeras de segurança e o portão fica trancado durante todo o período das aulas, tem uma zeladora que parece cuidar do espaço, no entanto, no primeiro dia de estágio, entramos sem ser notado, o que pode parecer uma fragilidade na segurança.

As invasões escolares causam preocupação na sociedade como um todo, uma vez que a segurança pública e escolar não está devidamente preparada para lidar com esse tipo de acontecimento, especialmente se ocorrerem com maior frequência (Souza, 2019).

As instituições de ensino têm demonstrado crescente preocupação com os problemas de conduta exibidos por estudantes de diversas idades. As reclamações mais frequentes dos educadores dizem respeito ao crescimento de comportamentos antissociais, agressividade, atitudes desafiadoras e de confrontação, desobediência, baixa concentração e envolvimento nas atividades, hiperatividade e falta de autorregulação por parte dos estudantes. Paralelamente, os professores relatam dificuldades em manejar de maneira eficaz os alunos que manifestam esses problemas (Del Prette & Del Prette, 2001; Gomide, 2001; 2003; López, 2004; Marinho, 2003).

A psicóloga relatou um caso de um aluno que havia sido expulso de outra escola e ingressou na instituição por motivo de agressão a uma colega com o uso de facão. Descreveu que, como medida de segurança, a diretora e a pedagoga,

revistam a mochila do aluno sempre que ele entra na escola, o que para elas, proporciona maior segurança. Além disso, a psicóloga alegou que acompanha o jovem para ajudá-lo na compreensão do ambiente escolar.

Não é mais surpresa discutir sobre violência, crimes e roubo, tais ocorrências se tornaram corriqueiras na sociedade atual, sendo consideradas banais, comuns ou até mesmo normal, contanto que não afete diretamente a vida de cada indivíduo, desde que não invadam a segurança do lar. Fica evidente a importância da escola em abordar a violência, os ataques a minorias e as crises dos atiradores escolares (Oliveira, 2014).

Portanto, o papel da escola, com o objetivo de reduzir a incidência crescente de massacres, é, no âmbito conceitual, pedagógico e psicológico, discutir temas que são frequentemente corrompidos por pessoas tanto em espaços físicos quanto em espaços virtuais. Esses locais atraem a curiosidade dos jovens e os conduzem a uma visão desprovida de empatia e respeito pelo próximo (Kurz, 2002).

Em nossa observação, acompanhamos um atendimento da psicóloga sobre uma aluna de cinco anos de idade. Os relatos segundo a psicóloga e pedagoga eram de um comportamento desafiador na escola, de uma criança que praticava atos de *bullying* e violência com seus colegas de classe. A criança apresentava comportamentos agressivos, possessivos e por vezes, ofensivos com as alunas dentro de sala.

Ressalta-se que uma criança que cresce em um ambiente saudável e provido de acesso a educação de qualidade e qualidade de lazer, tem um desenvolvimento cognitivo muito maior, gerando assim uma maturação com pouco estímulo de estresse, em contraparte crianças que vivem em ambientes muito estressantes possuem uma alta incidência a atos violentos e de agressividade (Shonkoff; Boyce; Mcewen, 2009; Shonkoff, 2011).

Em outro episódio, a psicóloga relata como um caso de *bullying*, o fato de uma aluna que fazia deboche, ela comentava negativamente sobre a aparência das colegas. Nessa ocasião, uma aluna que “sofria” o *bullying*, cortou seu próprio cabelo em casa, de forma “desordenada”, o que gerou conflitos e discussões sobre o caso. Diante disso, as psicólogas e a pedagoga fizeram acolhimento das alunas, fizeram escuta das famílias, enfatizando a importância de todo contexto social que envolvia as crianças. A psicóloga realizou acolhimento e utilizou diversas técnicas como,

jogos psicológicos, materiais lúdicos para terapia infantil, técnicas da TCC (terapia cognitivo-comportamental) como o desenvolvimento de mapas para a organização e etc.

A atuação do psicólogo escolar/educacional requer a habilidade de examinar e compreender as diversas interações que compõem a instituição escolar e os indivíduos que dela participam. Além disso, é necessário reconhecer as demandas e oportunidades de aprimoramento dessas interações. Portanto, o psicólogo enfrenta o desafio de focar na complexidade dos processos interativos que ocorrem no ambiente escolar (Del Prette & Del Prette, 1996).

O psicólogo trabalha com técnicas que envolvem a criação de espaços acolhedores e aconchegantes para a realização dos atendimentos. Esses espaços podem ser equipados com diversos tipos de brinquedos e acessórios para proporcionar uma experiência lúdica, especialmente para as crianças mais novas, visando ressignificar a relação entre aluno e psicólogo (Marinho-Araujo & Almeida, 2008).

Durante as observações, acompanhamos a psicóloga em um trabalho referente à prevenção do *bullying*. A psicóloga fez a apresentação de uma peça com fantoches, foi um teatro voltado para todos os alunos da escola (em ambos os turnos), com intuito de gerar comoção em relação ao assunto. Observamos os alunos atentos na atividade.

Segundo Cleo Fante e José Augusto Pedra (2008), o *bullying* é um fenômeno que ocorre em âmbito coletivo, e a escola é o ambiente onde é mais prevalente, a particularidade do Brasil é que os atos de *bullying* não ocorrem nos espaços sociais da escola, como pátios e refeitórios, mas principalmente dentro das salas de aula, na presença do professor.

Massacres em escolas são eventos imprevisíveis, sem data, hora ou local determinados para ocorrer. Dessa forma, atraem a atenção e assustam a sociedade com seus incidentes esporádicos. As instituições de ensino têm sido cenário de várias formas de violência. Adolescentes e jovens são grupos vulneráveis, expostos às desigualdades sociais estruturais da nossa sociedade, como desemprego, criminalidade, questões de saúde pública e repetidas violações de direitos (Meadows, 2007).

O psicólogo possui competência para atuar na prevenção e no combate à violência escolar, contribuindo para a promoção de ambientes e relações mais saudáveis dentro da escola. Para tanto, é fundamental que ele esteja presente no cotidiano da instituição, de modo a personalizar sua intervenção de acordo com a realidade do contexto em que atua. Na esfera das interações ocorridas no âmbito escolar e entre ela e seu entorno é onde o psicólogo terá a possibilidade de criar novas abordagens para sua atuação, é essencial que o psicólogo mantenha uma postura receptiva, promovendo debates e compartilhamento de ideias, de modo a enfrentar os problemas de forma coletiva e buscar soluções de maneira conjunta (Martins, 2003).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se com a pesquisa a necessidade de políticas públicas no trabalho com a segurança pública e escolar no Brasil. Com base nas observações, enfatizamos o grande empenho da escola para manter a segurança das crianças e adolescentes na escola e em seus arredores. Vale destacar também a importância do trabalho em equipe realizado tanto pelo corpo docente quanto pela psicóloga escolar e pela polícia militar, que juntos fazem o trabalho de promoção, prevenção e segurança escolar.

Vale salientar também a questão do *bullying*, amplamente abordado no artigo, pois ele é o precursor da maior parte das invasões e violências geradas na escola. Esse tipo de violência é inerente a quase todo ambiente social. Entretanto, é necessária uma melhor abordagem do corpo estudantil e equipe de trabalho em casos de *bullying*, bem como a realização de apresentações, palestras, seminários e diversos outros meios de comunicação para reduzir o número de incidentes gerados por esse ato de violência.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**: Text revision. (4th ed.) Washington, D.C: American Psychiatric Association, 2000. Disponível em: <https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/ajp.152.8.1228>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

BERRY-FLETCHER, A. J.; FLETCHER, J. D. **Victims of school violence**. In: SGARZI, J. M.; McDEVITT, J. (Eds.), *Victimology: A study of crime victims and their roles*. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2003. p. 238-257. Disponível em: <https://search.worldcat.org/pt/title/Victimology--a-study-of-crime-victims-and-their-roles/oclc/48777370>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

BOCK, A. M. B. (2003). **Psicologia da educação: cumplicidade ideológica**. Em M. E. M. Meira & M. A. M. Antunes (Orgs.), *Psicologia escolar: Teorias críticas* (pp.79-103). São Paulo: Casa do Psicólogo.

BRITO, Leila Maria Torraca de. **Bullying e cultura de paz no advento da nova ordem econômica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Bullying-e-cultura-de-paz.pdf. Acesso em 28 de jun. de 2024.

CASSINS, M. e cols. (2007). **Manual de Psicologia escolar-educacional Conselho Regional de Psicologia do Paraná**. Curitiba: Gráfica e Editora Unificado. Disponível em: <https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/157.pdf>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

D'AUREA-TARDELI, Denise; PAULA, Fraulein Vidigal de (Org.). **Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à psicologia da educação**. São Paulo: Metodista, 2009.

DEBARBIEUX, Éric. **Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político**. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília, DF: Unesco, 2002. p. 57-87. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128720>. Acesso em 28 de jun de 2024.

DEL PRETTE, Z. A. P., & DEL PRETTE, A. (1996). **Habilidades envolvidas na atuação do Psicólogo Escolar/Educacional**. Em S. M. Wechsler (Org.), *Psicologia escolar: pesquisa, formação e prática* (pp. 139-156). Campinas, SP: Alínea. Disponível em: https://www.academia.edu/19582998/Habilidades_envolvidas_na_atuacao_do_psicologo_escolar_educacional_Social_skills_in_the_practice_of_school_educational_psychologist. Acesso em 28 de jun. de 2024.

DEL PRETTE, A., & DEL PRETTE, Z.A.P. (2001). **Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006. Disponível em: <https://bds.unb.br/handle/123456789/863>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

FANTE, C. Fenômeno bullying: **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 6. ed. São Paulo: Versus, 2011.

FARRINGTON, David P. **Fatores de risco para a violência juvenil**. In: DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: UNESCO, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em 28 de jun. de 2024.

GASPAR, F. D., & COSTA, T. A. (2011). **Afetividade e atuação do psicólogo escolar**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 15(1), 121-129. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/nQGWpBrzscJ4ppdwT7NmL5z/?format=pdf>. Acesso 28 de jun. de 2024.

GOMIDE, P. I. C. (2001). **Efeitos das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento antissocial**. In M. L. Marinho e V. E. Caballo (Orgs.). Psicologia Clínica e da Saúde (pp. 3353).

GOMIDE, P. I. C. (2003). **Estilos parentais e comportamento antissocial**. In A. Del Prette e Z. Del Prette (Orgs.). Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem - Questões Conceituais, Avaliação e Intervenção (pp. 21-60).

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

KURZ, Robert. **A pulsão de morte da concorrência**. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 de mai. de 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2605200218.htm>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

LOPES, Anchyses. **Considerações sobre o massacre de Realengo**. Estudos de Psicanálise, Belo Horizonte, n. 37, p. 25-44, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000100003. Acesso em 28 de jun. de 2024.

LÓPEZ, F. (2004). **Problemas afetivos e de conduta na sala de aula**. In C. Coll, A. Marchesi & J. Palacios (Orgs.). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais (pp. 113-146).

MARINHO-ARAÚJO, C. M., & ALMEIDA, S. F. C. de. (2008). **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional** (2a ed.). Campinas, SP: Alínea.

MARINHO, M. L. (2003). **Comportamento agressivo infantil: Questões teóricas e de pesquisa**. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades Sociais, Desenvolvimento e Aprendizagem - Questões conceituais, Avaliação e Intervenção* (pp. 61-81).

MARTINS, J. B. (2003). **A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica**. *Psicologia em estudo*, 8(2), 39-45. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/csF5QYj5QWmBgMpDF4Kz8dx/abstract/?lang=pt>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

MEADOWS, R. J. **Understanding violence and victimization**. 4th ed. Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall, 2007. Disponível em: <https://www.pearsonhighered.com/assets/preface/0/1/3/4/0134868250.pdf>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

OLIVEIRA, Vilma Nunes de. **Violência na escola como reflexo da sociedade**. 2014. 42 p. Centro de Educação - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

OLWEUS, D. **Bullying at School: What We Know and What We Can Do**. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.

PRATI, Laíssa Eschiletti; COUTO, Maria Clara P. de P.; KOLLER; Sílvia Helena. **Famílias em Vulnerabilidade Social: Rastreamento de Termos Utilizados por Terapeutas de Família**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Porto Alegre, v.25, n.3, p. 403-408, mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/NmBtBm4XHGvgx8qVxVz5KZQ/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

RAIMUNDO, Raquel; SEIXAS, Sónia. **Comportamentos de bullying no 1º ciclo: estudo de caso numa escola de Lisboa**. *Interações*, n. 13, p. 164-86, 2009. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/402>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C. **A Cidade contra a escola? O caso do município do Rio de Janeiro**. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 4, n. 8, p. 221-233, ago./dez. 2009a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ZfKXfNYDspZSkbzQpmGkJVD/>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

REY, A. **Teste de cópia e de reprodução de memória de figuras geométricas complexas:** Manual. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=458190&pid=S0006-5943201100010000300031&lng=pt. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SALMIVALLI, Christina *et al.* **Bullying as a group process:** participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, v. 22, p. 1-15, 1996.

SALMIVALLI, C. **Bullying as a group process.** Master's thesis. Department of Psychology, University of Turku, Finland, 1992.

SILVA, Algéria Varela. **Vulnerabilidade Social e suas Consequências:** O Contexto Educacional da Juventude na Região Metropolitana de Natal. In: Encontro de Ciências Sociais do Norte Nordeste, 2007. Disponível em: <https://www.cchla.ufrn.br/rmnatal/artigo/artigo16.pdf>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SHONKOFF, Jack P. **Protecting brains, nor simply stimulating minds.** *Science*. Washington, v. 333, n. 6045, p. 982-3, 2011. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Protecting-Brains%2C-Not-Simply-Stimulating-Minds-Shonkoff/09c131a43a00eb29ed51af7d0c290de894f4c0ed>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SHONKOFF, Jack P.; BOYCE, Thomas; McEWEN, Bruce S. **Neuroscience, molecular biology, and the childhood roots of health disparities:** building a new framework for health promotion and disease prevention. *JAMA*. Chicago, v. 301, n. 21, p. 2252-9, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19491187/>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SMOKOWSKI, P. R.; KOPASZ, K. H. **Bullying in school:** An overview of types, effects, family characteristics, and intervention strategies. *Children and Schools*, v. 27, n. 2, p. 101-110, 2005. Disponível em: <https://asu.elsevierpure.com/en/publications/bullying-in-school-an-overview-of-types-effects-family-characteri>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SOUZA, Ludmilla. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista.** Agência Brasil, 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2019-12/violencia-contra-professores-e-alunos-cresce-na-rede-publica-paulista>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SOUZA, M. P. R. (2007). **A Psicologia Escolar e o ensino de psicologia:** Dilemas e perspectivas. *ETD - Educação Temática Digital*, 8(2),258-265. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/660>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SOUZA, C. S., Ribeiro, M. J., & Silva, S. M. (2011). **A atuação do psicólogo escolar na rede particular de ensino.** *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15(1),53-61. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pee/a/dFgbLX68Ng7cyWFxqtNQcQD/>. Acesso em 28 de jun. de 2024.

SPOSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 104, p. 58-75, 2013. Disponível em: http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/spositoescolaeviolenca.pdf/at_download/file. Acesso em 28 de jun. de 2024.

WHITE, J. **What schools are for and the reasons why?** Impact Paper, Philosophy of Education Society of Great Britain, 2007.